

Maquiavel: O Homem e a Fama

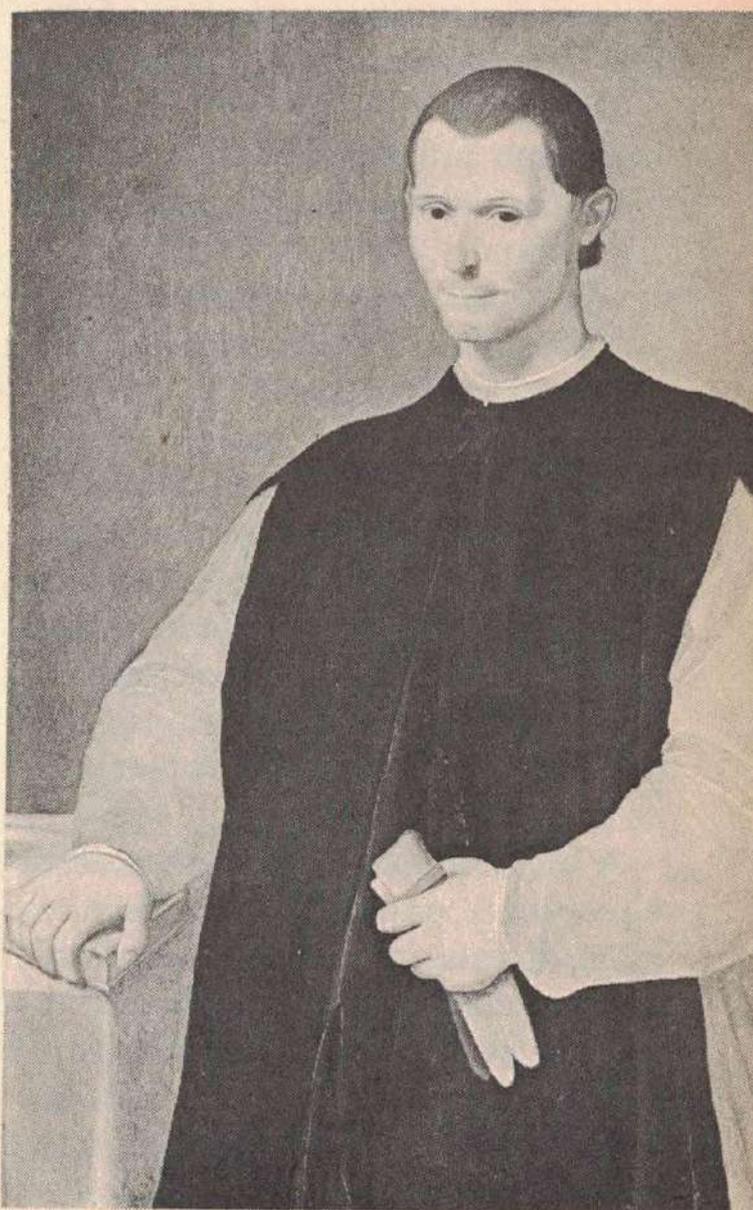
*Seu nome tornou-se sinônimo de intriga e perfídia.
Na realidade, trata-se de um dos mais destacados patriotas
e analistas políticos da História*

ERNEST O. HAUSER

“**S**OU POLITICO?”—pergunta o dono da Estalagem Garter, na peça *As Alegres Viúvas de Windsor*, de Shakespeare. “Sou sutil? Sou um Maquiavel?”

Niccolò Maquiavel tem recebido epítetos piores do que “sutil”. Desde sua morte, há perto de quatro séculos e meio, as regras estabelecidas por esse estadista-escritor italiano têm sido freqüentemente encaradas como um esquema para a agressão e a ditadura. Thomas Jefferson identificou o nome de Maquiavel com “mesquinho, iníquo e covardemente astuto”. Frederico, o Grande, da Prússia, ficou tão perturbado com os escritos de Maquiavel que ele próprio escreveu refutando-os. Na Inglaterra, durante muito tempo se acreditou que o nome de batismo de Maquiavel, Niccolo, ou Nicholas, originara a expressão “Old Nick”—um dos apelidos do Demônio!

Essa triste reputação repousa em grande parte na obra mais conheci-



Retrato de Niccolò Maquiavel (1469-1527) por Santi di Tito (1538-1603) no Palazzo Vecchio, em Florença

da de Maquiavel, *O Príncipe*, um pequeno volume publicado pela primeira vez cinco anos depois da morte do autor, e desde então traduzido para quase tôdas as línguas conhecidas. Algumas de suas passagens "maquiavélicas": "Há duas formas de lutar, uma com base na lei, e a outra com base na fôrça. A primeira é própria dos homens, e a segunda das bêstas. Mas o primeiro método é, não raro, insuficiente, e tem-se de apelar para o segundo." Ou: "Um governante prudente não deve respeitar seus compromissos se isso se opuser aos seus interêsses."

Mas justifica-se repudiar o autor, como um cínico da cabeça aos pés, com base nesses preceitos, isolados do seu contexto? Analisando essa vida dramática e sua vasta produção literária, os modernos historiadores não mais procuram denegri-lo ou inocentá-lo. Vêem-no como uma das figuras mais impressionantes do seu tempo, o primeiro a investigar as regras da moderna ciência de govêrno, descrevendo brilhantemente o jôgo da política do poder, tal como com pequenas variações ainda é praticado em nossos dias.

A fôrça que o impulsionava era a devoção à pátria, que êle "amava mais do que a sua própria alma". E é contra o sombrio pano de fundo de sua "Itália"—um monte de Estados em altercação, cujas ciu-meiras fizeram da bela Península área de caça das grandes nações—França, Alemanha, Espanha—que

devemos considerar o seu gênio.

Ao tempo do nascimento de Maquiavel, em 1469, a cidade de Florença era um Estado independente, governado com poder absoluto pela rica família Medici. Quando Maquiavel tinha 25 anos, os Medici foram expulsos, e quatro anos depois êle foi nomeado Segundo Chanceler do que era então uma República livre. Movimentando-se com vivacidade pelos saguões dourados do Palazzo Vecchio de Florença, discutindo assuntos urgentes com os próceres eleitos da cidade, Maquiavel logo se tornou conhecido como um ágil pensador, dotado de uma mente afiada que penetrava os mais complexos problemas.

As questões submetidas a Maquiavel cobriam tôda a gama da política externa, assim como da interna. Assim, o mal remunerado burocrata freqüentemente se via a cavalo, viajando através das planícies ardentes ou sôbre os ásperos e nevados Apeninos, em função de algum encargo diplomático. A falta de fortuna e de relações familiares impediu que jamais êle fôsse um "embaixador". Mas a República várias vêzes depositou seus destinos na extraordinária capacidade de julgamento de Maquiavel. Não era sem orgulho que êle se intitulava "Niccolò Maquiavel, Secretário de Florença".

Uma das primeiras missões o levou ao Rei de França, Luís XII, aliado dos florentinos. Seu exército mercenário enviado a Florença se rebelara, e esperava pagamento por

serviços não prestados. Sua missão mais memorável foi um inverno passado com o Duque Cesare Borgia, sanguinário e fanfarrão aventureiro, que lutava para apossar-se de um Estado na Itália Central, e que mais tarde se tornou o “modelo” de Maquiavel para *O Príncipe*. Filho ilegítimo do infame Papa Alexandre VI, o jovem Cesare começou a operar nas proximidades de Florença. E como a República desejava manter-se a par das suas intenções, Maquiavel correu para o acampamento de Cesare. Tudo que Florença queria, explicou Maquiavel, era ficar neutra.

O Duque, entretanto, exigia uma “aliança”—ou, senão, um tributo em ouro. Durante o longo, tenso e disputado torneio que se seguiu, pois Maquiavel acompanhou o Duque de uma a outra cidade conquistada, desenvolveu-se entre os dois homens, tão díspares, uma simpatia recíproca. O Duque apreciava a aguda inteligência do visitante; Maquiavel, por sua vez, estava fascinado pelos vastos planos do seu anfitrião e pelos métodos para a consolidação dos seus domínios. No fim, a tática protelatória de Maquiavel teve êxito. Florença jamais pagou o tributo exigido, e antes que Borgia pudesse atacar, morreu o Papa, seu pai, e seu espúrio império entrou em colapso.

Ao todo, Maquiavel teve a seu cargo cerca de 30 missões diplomáticas importantes e dezenas de outras menores. Viajou à França qua-

tro vezes; estêve na Suíça e no Tirol; e até a Mônaco êle foi, para negociar com o príncipe reinante. Deslocava-se tão rapidamente que em certas ocasiões seus superiores endereçavam a correspondência para êle simplesmente para “onde quer que o demo se encontre”.

As instruções que recebia, geralmente, eram deliberadamente vagas. “Apenas fique de olho em tudo, e mande freqüentes relatórios”; ou: “Junto com os fatos, dê-nos suas opiniões.” Sua curiosidade natural fazia dêle o espião perfeito, e seus juízos usualmente se mostravam fantásticamente corretos. Em serviço, êle era todo olhos e ouvidos. Acharva muito natural, por exemplo, postar-se à beira da estrada e contar as bêstas de carga numa coluna inimiga. Era capaz de abordar qualquer pessoa. O Imperador alemão Maximiliano, que exigira de Florença meio milhão de ducados como contribuição para uma campanha na Itália, ficou estupefato quando Maquiavel, recém-chegado para entabular negociações, ofereceu 40.000. Depois de muito regatear, Sua Majestade aceitou um acôrdo muito mais próximo da modesta oferta florentina do que do seu próprio e imoderado pedido.

No intervalo dessas tarefas, decorriam momentos de felicidade doméstica. Niccolò havia desposado Marietta Corsini, que lhe era inteiramente dedicada. Havia um entrasai de amigos na casinha em que moravam. Niccolò tocava alaúde, e

não faltavam divertimento e música.

Então, quando Maquiavel tinha 43 anos, um golpe impiedoso pôs fim à sua felicidade. O Papa Júlio II, recentemente eleito, apoiado por seus aliados espanhóis, ameaçava assaltar Florença, a menos que fosse permitida a volta do exílio de seus amigos, os Medici. Os acusados florentinos concordaram e os Medici reassumiram o poder absoluto, do qual o povo os expulsara havia 18 anos.

Os republicanos autênticos foram expurgados da administração, e entre eles Maquiavel. Cidadãos eram presos a torto e a direito, sob a acusação de conspiração contra a família reinante, e o próprio Maquiavel passou três semanas encerrado num calabouço, e foi torturado. Finalmente, em março de 1513, uma anistia esvaziou as prisões e Maquiavel viu-se de novo livre. Mas estava desempregado e achava a situação insuportável. “Os fados decretaram que nada sabendo da manufatura de sêdas, nem dos negócios de lã, nem de lucros e perdas, eu tenho de falar de política, e, a menos que faça um voto de silêncio, preciso discutir sobre ela”, escreveu.

Recorrendo a uma herança, instalou-se com a família em uma casinha de pedra (ainda existente, e é de propriedade de descendentes de Niccolò) na antiga fazenda Maquiavel, 11 quilômetros ao sul de Florença. Ali êle escreveu *O Príncipe*. O livro foi concebido co-

mo um manual para os novatos no poder, e como um apêlo aos Medici para que expulsassem os estrangeiros da Itália e assim criassem—pela força, se necessário—uma nação italiana. “Esta bárbara dominação estrangeira ofende o olfato de qualquer pessoa”, escreveu êle. “Possa sua ilustre casa, portanto, dedicar-se a essa tarefa com a coragem e as esperanças inspiradas por uma causa justa, de tal forma que sob a sua bandeira seja restaurada a nossa terra natal.”

Mas o seu sonoro desafio não provocou reação, e Maquiavel voltou-se para outros tópicos. Êle considerava a História a maior mestra dos homeens, e em seus *Discursos* pesquisou a vida e a morte das nações, extraindo do que viu o moderno conceito de Estado como uma unidade dinâmica. Êste e o penetrante *A Arte da Guerra* contrastam agudamente com alguns vãos da fantasia que revelam o insopitável gôsto de Niccolò pela vida. A sua peça teatral, *A Mandrágora*, que até hoje é representada para casas repletas, é na opinião de muitos críticos a melhor comédia em língua italiana.

Mas Maquiavel sentia falta da animação do seu antigo cargo, da dramaticidade dos seus mandados diplomáticos. “Não há ninguém”, escreveu êle a um amigo, “que se lembre dos meus serviços ou que acredite que eu possa ser útil?” Quando, por fim, e depois de muito tempo, os Medici lembraram-se dêle, não lhe fizeram grande favor.

Por uma quantia modesta teria de escrever a *História de Florença*, tarefa que o absorveu durante uns cinco anos. Outra designação insignificante fê-lo um dos cinco inspetores das fortificações. Mas o serviço público, que êle desejava tão apaixonadamente, continuava vedado. É evidente que sua profunda dedicação à democracia, que brilhava em tôda a sua obra como um facho luminoso, o desqualificava para qualquer cargo importante no govêrno de um "príncipe".

E aqui temos a ironia final da vida de Maquiavel. Em 1527, a aproximação das tropas imperiais da Alemanha e da Espanha encorajou Florença a expulsar os Medici, e, num último e brilhante lampejo na História da cidade, estabelecer uma República livre. O lugar de Secretário estava vago! Contudo, ninguém pediu a Maquiavel que ocupasse a sua velha escrivania.

Êle não comera do pão dos Medici? Para o eterno observador da comédia humana, acabara a representação. Morreu, presumivelmente de úlceras gástricas, um mês após a fundação do Estado do povo.

A posteridade tem sopesado os prós e contras do gênio de Maquiavel e tem encontrado um saldo favorável. *O Príncipe* ainda é leitura obrigatória tanto para os senhores como para os servos do corpo político. O "pecado" de Maquiavel foi ter exposto as velhas regras do jôgo político em têrmos realísticos. Se a sua rudeza chocou muitos dos seus leitores, outros o saudaram como o pai da ciência política e como o maior patriota italiano. Os florentinos, concedendo a seu Secretário uma tumba de mármore na Igreja da Santa Cruz, ao lado dos mais famosos filhos da cidade, nela inscreveram: "Não há louvor que consagre tão grande nome."



Notícias de Tôda Parte

UMA DAS coisas mais arriscadas em Bancoc, Tailândia, é andar de táxi. O motorista invariavelmente tira as mãos do volante cada vez que passa por um templo budista importante, junta-as diante do rosto, baixa os olhos e fica nessa atitude de oração até que o táxi tenha passado—sem qualquer direção humana—pelo objeto de sua devoção.

—Sam Castan, em *Look*

A QUALQUER hora um motorista em Estocolmo precisa apenas de seu cartão de crédito para obter gasolina de uma bomba experimental automática. Basta êle introduzir seu cartão numa fenda, registrar o número de seu código numa série de botões, abrir um trinco e encher o tanque. Depois que acaba, apanha de nôvo o cartão e mais tarde recebe sua conta extraída por computador.

—*Popular Science*